

O MERCADO DA MORTE



FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

Presidente do Conselho Curador

Mário Sérgio Vasconcelos

Diretor-Presidente / Publisher

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Superintendente Administrativo e Financeiro

William de Souza Agostinho

Conselho Editorial Acadêmico

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

Editores-Adjuntos

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

WÁLTER FANGANIELLO MAIEROVITCH

O MERCADO DA MORTE
CONEXÕES E REALIDADES



editora
unesp

© 2025 Editora Unesp

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da Unesp (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
atendimento.editora@unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

M217m Maierovitch, Wálter Fanganiello

O mercado da morte: conexões e realidades / Wálter Fanganiello
Maierovitch. – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-304-2

1. Literatura. 2. Ensaio. 3. Guerra. 4. Política. 5. Indústria. 6. Geo-
política. 7. Relações internacionais. 8. Defesa. I. Título.

2025-3719

CDD 808.84

CDU 82-4

Editora afiliada:



Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe



Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Apresentação	7
1. Si vis pacem, para bellum.	13
A fórmula de Vegécio e os pacifistas	25
Traficantes de armas	29
Teocracias e rebeldes armados	45
Inteligência satelital-eletrônica	53
Direito internacional público: primeira vítima,	61
2. Espionagem	71
A espionagem em nossos dias	73
Mossad e Shin Bet: convenção e <i>apartheid</i>	85
Espionagem no Brasil, militares na política e a Abin	103
3. Jurisdição internacional	115
Prolegômenos	117
Tribunal Penal Internacional (TPI)	129
Corte Internacional de Justiça (CIJ)	137

4. Genocídio	141
Nasce um neologismo	143
Crimes de guerra e contra a humanidade	153
5. Caldeirão israelo-palestino	161
Coda	183
Referências bibliográficas	185

APRESENTAÇÃO

O ponto de partida desta obra está em uma frase vetusta e famosa, imortalizada pela pena de um escritor e burocrata imperial. A frase, da lavra de Públio Flávio Vegécio Renato, cuja vida se desenvolveu, pelo que se sabe, entre o final do século IV e as primeiras décadas do V, virou, mundo afora, um provérbio.

Nunca fiquei convencido do acerto de tal frase, expressa em latim, a língua oficial daquele tempo em que Roma era *caput mundi*: “*Si vis pacem, para bellum*” (Se queres a paz, prepara-te para a guerra). Por outro lado, essa máxima incomoda-me sobremaneira por seu emprego frequente em encontros internacionais, especialmente quando noto meneios de cabeça concordantes.

Tenho certeza de que essa ideia abriu a porta da fortuna para a indústria bélica, que atende pelo eufemismo de “indústria de defesa”. Mais ainda, ela rege aquilo que se convencionou chamar de “paz armada”. Levado o dardo comercial mais adiante, a supracitada frase caiu como uma luva para a conquista de um novo mercado, fora do âmbito militar: a venda

de armas, com autorizações constitucionais e legais, para os civis, os cidadãos do mundo.

A partir dessa premissa, o texto se desdobra para examinar as engrenagens deste “*para bellum*” contemporâneo. Mergulhamos em um leque de temas interligados, como o tráfico de armamentos, os interesses geopolíticos e geoeconômicos dos Estados nacionais e a ação de grupos rebeldes e de organizações terroristas. Não passou despercebido o desenvolvimento tecnológico para fins bélicos, desde satélites informativos e beligerantes até os baratos drones, que enganam radares e barreiras antimísseis.

A espionagem e seus inúmeros problemas também são um fio condutor da narrativa. Analiso como ela se tornou oficial, “chapa branca”, sob o nome pomposo de “inteligência de Estado”, e como se disseminou por meio de agências nacionais. Temos, usando uma linguagem cinematográfica, os “007” infiltrados em países, por vezes atuando em cooperação internacional. É o vale-tudo sem limitações de fronteiras, com desrespeito à soberania dos países, onde assassinatos ficam impunes e o aprisionamento de inocentes se transforma em moeda de troca: até mesmo um jornalista por um traficante de armas, quando este último é detentor de segredos de seu Estado. Nesse capítulo, o Mossad é analisado por seu prestígio, mas sem apologias, e a peculiar história da inteligência no Brasil também encontra seu lugar. Cuidei do nascimento da Abin e da última tentativa de seu uso privado, não como agência de Estado.

Outra amarração feita no livro leva às análises da terceirização das guerras, com a contratação de empresas de mercenários, e da propaganda, com suas mentiras para iludir ou desviar a atenção da opinião pública. No campo do Direito Internacional, aparecem e são desenvolvidos os temas da jurisdição e dos tribunais internacionais, do passado e do presente: os tribunais militares dos vencedores das guerras; a confiança de Churchill a Stálin; e os tribunais permanentes, não castrenses, que substituíram a experiência com as cortes de justiça *ad hoc* para os casos da ex-Iugoslávia e de Ruanda. Discuto a falta de força executiva do Tribunal Penal Internacional e da Corte Internacional de Justiça, concluindo que a primeira vítima de um conflito armado é o Direito Internacional Público.

Diante de um painel tão vasto e complexo, com tantos atores e mecanismos, fez-se necessária uma escolha. Em vez de apenas catalogar uma infinidade de situações de conflito ou tráfico de armas pelo mundo, o que tornaria a análise superficial, optei por focar naquilo que arde sob os nossos olhos. Este livro toma os conflitos mais candentes da atualidade como estudos de caso exemplares, verdadeiros laboratórios onde todas as facetas do “mercado da morte” se revelam de forma explícita e interconectada.

É por essa razão que a guerra da Rússia contra a Ucrânia e, com especial destaque, a espiral de violência entre Israel e o Hamas, seguida pela recente escalada com o Irã, ocupam um espaço central na obra. Esses não são apenas mais alguns

conflitos no noticiário. Eles são o palco onde a tecnologia de drones, a guerra de informação, os interesses das superpotências, a impotência dos tribunais internacionais e o sofrimento civil se manifestam com uma clareza trágica. Pretende-se assim, como escolha metodológica, usar uma lente de aumento sobre o presente para compreender a anatomia de um problema global e perene, insinuando os vasos comunicantes entre os componentes de um painel muito mais complexo e ameaçador. O desconforto eventualmente gerado talvez provoque a indignação esperada daqueles que prezam a convivência civilizada entre os povos e a valorização da vida humana.

Ao examinar esses casos em profundidade, vemos como a antiga máxima de Vegécio foi pervertida numa lógica puramente comercial e de poder. O título do livro, *O mercado da morte*, é a conclusão lógica desse percurso. Diante de nós, operando à luz do dia, estão os mercadores da morte. Eles se apresentam como pessoas físicas ou jurídicas, com ou sem nome de fantasia, com ou sem autorização para operar em bolsas de valores. Eles são parte do cotidiano, e é observando sua atuação nos conflitos que definem a nossa era que poderemos, talvez, enxergar a dimensão real de sua influência e da ameaça que representam.

O livro é dedicado à minha esposa, Sandra Maria Accorsi Fanganiello Maierovitch; aos meus outros tesouros, os filhos Gustavo, Bruno, Mariana e Maria Fernanda; à nora Ana e ao genro Flávio; e aos netos Romeo e Sofia. Como ensina a

sabedoria popular galega: “Se quiseres saber onde estão os teus tesouros, consulta o teu coração”.

Também dedico, com muita força e gratidão, ao saudoso Wagner Corrêa, que me apresentou, a partir de sua barbearia, a Jézio Hernani Bomfim Gutierrez, hoje diretor-presidente da Editora Unesp. O pranteado amigo Wagner era um exímio mestre da tesoura e, com sua arte capilar, atendia ao professor Jézio e a este autor.¹

Daquele salão de uma galeria paulistana da rua Heitor Penteado saiu a ideia para a obra passada, ganhadora do Prêmio Jabuti de 2022, e para esta, a caminho do prelo, depois de contar com a leitura e o *nihil obstat* de Jézio.

Wálter Fanganiello Maierovitch

1 O editor-executivo da Editora Unesp junta-se ao autor no reconhecimento ao inesquecível Wagner Corrêa, agregador de pessoas, ser humano generoso. (N. E.)

I

SI VIS PACEM, PARA BELLUM





Assinatura do convite de adesão da Alemanha Ocidental à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), na antiga sede da Otan em Paris, 1954.

Flavius Theodosius Augustus (379-395 d.C.), conhecido na história por Theodósio I, o Grande, e nos altares da Igreja católica como são Theodósio, contou, na sua corte romana, com um dedicado servidor.

Nas horas de folga, esse primoroso burocrata imperial colocava-se em panos de escritor para transformar-se num tratadista de guerras, sem nunca haver sido militar ou participado de combates. Esse doutrinador bélico, cujo nome era Públio Flávio Vegécio Renato, entrou para a história universal em razão de uma frase, em que se dava ênfase à paz, mas sem deixar a cautela de lado: “*si vis pacem, para bellum*”, ou seja, “se queres a paz, prepara-te para a guerra”. Ou seja: com Vegécio, nasceu a paz armada.¹

* * *

1 Algo muito dispendioso: os Estados Unidos, por exemplo, só em 2024 gastaram US\$ 824,3 bilhões com a Defesa.

Uma recente adaptação à célebre frase merece registro. No primeiro telefonema após a eleição de Donald Trump em 2024, o ucraniano Volodymyr Zelensky, que teve mandato presidencial prorrogado por lei marcial em razão da guerra decorrente da invasão russa iniciada em 24 de fevereiro de 2022, usou a expressão “paz por meio da força”.

Nas redes sociais, em postagem de 8 de novembro de 2024, um dia após a apuração da eleição norte-americana, que já anunciava a vitória de Trump nas urnas e em todos os sete estados federados considerados decisivos (os *swing states*), Zelensky acrescentou: “Para nós, na Ucrânia, e em toda a Europa, sempre foi crucial ouvir as palavras do presidente dos Estados Unidos sobre a paz por meio da guerra”.

A sugestão de Zelensky, bastante direta, era de que Trump usasse a força intimidatória do poderio bélico norte-americano para impor a paz à Federação Russa, no contexto da guerra de resistência da Ucrânia.

* * *

Vegécio faleceu sem imaginar que sua frase havia aberto a “porta da fortuna” para a indústria armamentista – que, eufemisticamente, trocou o qualificativo “armamentista” e adjetivou-se com outro termo: indústria de defesa, em claro esforço para a melhoria da imagem, mas sem a perda da essência da frase.

O que importa, no fundo, é que os fabricantes não deixam de atender os clientes-compradores, que em geral estão interessados mais no ataque. Com a bandeira acautelatória do

“prepare-se para a guerra”, a indústria bélica, como se diz no popular, “bombou” e explodiu em lucros.

Em 2023, as cem maiores empresas do setor faturaram US\$ 632 bilhões, crescendo 4,2% em relação ao ano anterior.² Esse lucro exorbitante da indústria bélica decorria das guerras envolvendo diretamente a Ucrânia e Israel.

Entre as maiores empresas do setor, destacam-se a Lockheed Martin Corporation (disponibiliza produtos aeroespaciais defensivos), a Raytheon Technologies (oferece armamentos e componentes militares eletrônicos), a General Dynamics (exibe no mercado o título de quinto maior conglomerado industrial de defesa bélica), a Boeing (tradicional fabricante de aeronaves, é a segunda maior fornecedora de equipamentos de defesa).

Num recente ranqueamento, empresas dos Estados Unidos e da Rússia figuram como os maiores produtores e exportadores de armamentos. O Brasil também exporta violência e ocupa, com Itália, Israel, Suíça, Áustria e Argentina, o terceiro bloco dos maiores vendedores. No segundo bloco aparecem França, Grã-Bretanha e China.

Os novos produtos são exibidos em concorridas feiras internacionais. No campo das aeronaves, militares e civis, temos, como destaques, o Show Aéreo de Paris e o Show Aéreo de Berlim: em 2023, as atrações foram os drones. E drones

2 De acordo com o boletim do Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo.

explosivos estão sendo largamente empregados por Rússia, Ucrânia, Irã e Israel.

A guerra de drones

Os drones surpreenderam a indústria armamentista. Antes usados para espionagem por meio de captura de imagens em voos despercebidos por satélites, viraram instrumentos explosivos e também de suporte. Isso se deveu à sua capacidade de sustentar e disparar mísseis, além de driblar radares de vigilância e penetrar barreiras antimísseis. Os militares especializados em geoestratégia os consideram baratos: o modelo mais sofisticado atinge, em época de demanda, o preço unitário de US\$ 3 milhões. Os Estados Unidos, neste início de século XXI, fez uso extensivo de drones em missões estratégicas no contexto da chamada “Guerra ao Terror” no Oriente Médio, e abriram as portas para um uso cada vez mais frequente e sofisticado desses equipamentos.

Os iranianos são os grandes produtores de drones. Tal produção, segundo as agências de inteligência, alimenta não apenas a defesa bélica do Irã como também o mercado internacional, incluindo-se aí grupos considerados terroristas, como os Hutis, no Iêmen. Em face disso, as fábricas de armamentos iranianas foram alguns dos alvos privilegiados no ataque de Israel ao Irã, em junho de 2025, com apoio norte-americano. A justificativa principal dos ataques empreendidos pelas Forças de Defesa de Israel (FDI) era danificar ou anular as

instalações nucleares do país, para retardar seus programas de enriquecimento de urânio. No entanto, a investida mirou também as eliminações de comandantes das forças armadas e cientistas que trabalhavam nas usinas atômicas (quinze cientistas de ponta iranianos foram assassinados), bem como buscou danificar suas fábricas de armamentos como mísseis e drones, que foram todas pesadamente danificadas.

O uso de drones não está circunscrito ao Oriente Médio. Na guerra entre Rússia e Ucrânia, por exemplo, os russos, só no início de novembro de 2024, realizaram ataque com emprego de 145 drones. A Ucrânia, em setembro do mesmo ano, lançou 158. De lá para cá, mês a mês, esses dados são superados. É importante frisar que, no curso dos conflitos bélicos, os Estados envolvidos começam a esconder dados, em especial quando cidades populosas são atacadas e o número de civis inocentes mortos e feridos começa a ser atualizado constantemente. A propaganda de guerra³ passa a atuar mais fortemente e começa a lançar mão de justificativas como “defendemos uma causa nobre e não interesses outros”, ou “o inimigo provoca intencionalmente as atrocidades”.

No dia 3 de julho de 2025, a Rússia realizou o maior dos ataques até então. O alvo foi a capital ucraniana, Kiev.

3 O presidente russo, quando os seus jovens soldados começaram a morrer em grande quantidade na Ucrânia, e os emprestados pela Coreia do Norte morriam “como moscas” (expressão empregada por um general ucraniano), fez uso da lei de censura de guerra. A violação a segredo de Estado é apenada com sete anos de cárcere fechado, distante do local da residência do infrator.



Protesto contra os drones e as guerras de Obama na cerimônia de posse de seu segundo mandato, em 2013.

Um detalhe: foram ataques noturnos, para atrapalhar o sono do cidadão comum e fazê-lo acordar em pânico. Prédios residenciais foram atingidos. Na ocasião, foram disparados 477 drones e 60 mísseis. Dos drones, 350 eram do tipo Shahed, de produção russo-iraniana.

Parêntese.

Um detalhe: 90% dos mísseis foram interceptados pelo sistema antiaéreo Patriot, fornecido pelos Estados Unidos. Isso faz lembrar uma intervenção do presidente ucraniano Zelensky no último Fórum Econômico Mundial de Davos. O ucraniano agradeceu o criador do Patriot: “não existe algo igual, em capacidade”. A criadora do sistema Patriot (acrônimo de Phased Array Tracking Radar to Intercept On Target), nos anos 1960, foi a já mencionada Raytheon. Na Ucrânia, funcionam seis